

Um herói que mudou o rumo do mundo

Literatura **Biografia**

Um herói que mudou o rumo do mundo

Com narrativa fartamente baseada em documentos, 'Colombo' revê as virtudes e misérias do grande navegador

Celso Ming

Saul, relata o primeiro livro de Samuel, procurava apenas as mulas do pai que haviam fugido e, nessa empreitada, foi sagrado rei de Israel. Mas ele sabia o que tinha encontrado. Cristóvão Colombo saiu do porto de Palos, Espanha, e navegou, como ninguém tentara antes, em busca da China, do império do grande Kahn e de tesouros, e sempre entendeu que tivesse tocado a Índia e sua gente a que denominou índios, engano que ficou até hoje. Apesar de ter concluído quatro viagens ao Novo Mundo, Colombo morreu sem entender a importância do seu feito e das enormes transformações que desencadeara em toda a Terra.

- ♦ A leitura do livro *Colombo*, do biógrafo e historiador Laurence Bergreen, é eletrizante não só pelos relatos impressionantes que ocorreram em dez anos, a partir de 1492, mas porque esquadrinha virtudes e misérias do ser humano.

Cristóvão significa carregador de Cristo. Colón, como queria ser chamado, é o colonizador. Os dois vocábulos juntos evocam uma personalidade que enfeixou grandes contradições e

Um herói que mudou o rumo do mundo



COLOMBO

Autor: Laurence Bergreen

Tradução: Debora Landsberg e Michel Teixeira

Editora: Objetiva (552 págs., R\$ 64,90)

Coragem. Colombo enfrentou furacões, motins e tentativas de o destruir

profundas de ambiguidades. Embora não soubesse usar adequadamente os mais avançados instrumentos de navegação para a época, como o astrolábio, Colombo foi um exímio marinheiro, que confiava, sobretudo, em seu senso de direção. Enfrentou de tudo: furacões, ventos contrários, um tsunami, fenômeno nunca antes presenciado por navegadores europeus, motins, o desconhecido, ceticismo e diversas tentativas de o destruir.

Visionário, de enormes ambições pessoais, mais turrão do que persistente, mas de personalidade fraca e poucas qualidades de administrador, foi, ao mesmo tempo, protagonista de feitos impressionantes e de fracassos ina-

creditáveis, como o de permitir o naufrágio da já histórica nau capitânia, a Santa Maria, semanas depois de ter encontrado terra firme. A tragédia aconteceu em mar sereno e liso, como água numa tigela, porque o navio encalhou em traiçoeiro banco de areia. O timão estava a cargo de um garoto de apenas 15 anos. Mas Colombo soube usar a seu favor esse erro primário.

Usou os destroços da caravela na construção de uma fortaleza onde deixou 39 dos seus homens para seguir procurando ouro e apossar-se daquelas terras, em nome de Espanha e da difusão da fé. E,

depois, transformou o decidido em fato consumado para que a Coroa não tivesse outra opção senão a de permitir seu retorno imediato às novas terras, a fim de prover de recursos e de assistência os colonizadores abandonados entre canibais. Depois se viu que não sobreviveram.

A riqueza da narrativa está fartamente baseada em documentos, diários de bordo e testemunhos de aliados e inimigos. O próprio Colombo foi um registrador obsessivo de suas experiências porque pretendia que prevalecesse sua versão sobre a

**ELE REVELOU UM
NOVO CONTINENTE,
SUAS RIQUEZAS E
SUAS CIVILIZAÇÕES**

Um herói que mudou o rumo do mundo

dos usurpadores, que o rodearam sempre. Não se limita à descrição minuciosa dos feitos heróicos e dos desdobramentos de amplo jogo de avidez e desbragamentos por parte dos conquistadores europeus em meio a um mundo primitivo, deslumbrante e sem leis. Desdobra-se também nas cortes de Espanha, em que as descobertas desencadeiam inveja, cobiça e luta pelo poder. Os reis católicos, Isabel de Castela e Fernando de Aragão, se entusiasmaram com a novidade, mas logo vacilaram porque sentiram que já não podiam confiar inteiramente na competência do Almirante-Mor do Mar Oceano e Vice-Rei e Governador Perpétuo de todas as terras que viesse a descobrir.

As forças do bem e do mal desencadeadas por essas viagens apresentaram resultados também questionáveis. As relações com os nativos, que inicialmente envolveram alguma amabilidade de parte a parte e trocas de papagaios com miçangas, logo desembocaram na pilhagem, no terror, na escravidão, na barbárie, no estupro e no genocídio. Mas quem se limita a essa análise rasteira deixa de entender a profunda transformação, também para o bem e para o mal, que, a partir de então, passou a acontecer no mundo inteiro. Foi o início de um novo intercâmbio entre ecossistemas, que provocou saltos enormes no processo evolutivo estancado desde a deriva dos continentes, cerca de 230 milhões de anos antes.

Os espanhóis trouxeram para as Américas o cavalo, que tanto aterrorizou os índios. E, tam-

bém, bois, cabras, galinhas, o trigo, a cebola e o vinho. O livro não diz, mas convém lembrar que os vinhedos provavelmente teriam sido exterminados na Europa, no século 19, pela grande praga de filoxera, se não tivessem sido recompostos com cepas que já haviam se desenvolvido nas Américas. Os europeus foram também os agentes de contaminação de doenças, fatais para os índios: varíola, catapora, sarampo, gripe, febre amarela, dengue e, possivelmente, a sífilis. O Velho Mundo não se fartou apenas com ouro, prata e novos impérios, mas, também, com os alimentos que, decididamente, mudaram para sempre a dieta global: milho, batata, tomate, chocolate, peru e tabaco. O chamado Intercâmbio Colombiano continua em ritmo alucinante. Ainda hoje se descobrem alimentos utilizados pelos ameríndios, mas desconhecidos dos demais povos da terra.

Pode-se encarar as viagens de Colombo e muito do que veio depois como epopeia, como drama e como tragédia. Difícil separar, como de resto acontece com a própria condição humana. O grande feito do Almirante, todos sabem qual foi. O de revelar um novo continente, suas riquezas e suas grandes civilizações: os astecas, os maias e os incas. Talvez seu maior fracasso pessoal, justamente para quem sonhara tanto com a glória e com o que vem junto com ela, tenha sido não ter tido eternizado seu nome no continente que descobriu. Foi um navegador de menor importância, o florentino Américo Vespúcio, que batizou com seu nome o Novo Mundo.